

# O EXEMPLO

Anno II

Redactor e editor  
*Arthur Andrade*  
ESCRITORIO  
Rua Andradas—247

Propriedade de uma associação

Porto Alegre—Domingo, 10 de Setembro de 1893

Director-gerente  
*Marcilio Freitas*

ASSIGNATURAS  
Trimestre... 1\$500

N. 39

## Fóra do paraizo

Uma treva pesada desceu sobre a terra. Ventos fizeram profundas covas nas areias — o manso e claro Euphrates cresceu de aguas e inundou as margens palmeirosas. Arvores perderam toda fronde.

Soffra pelo peccado a natureza toda.

Voavam no ar, em turbilhões, flores roubadas pelos vendavaes aos caules e passarinhos sem vigor nas azas.

Grandes aguias de forte envergadura soltavam pios pavorosos nos penhascos; «mamuths» pelludos corriam sem destino, «bis» negros piavam e pombas, transidas de terror, encolhia-se nas grotas, emquanto os doirados leões e tigres miadores em rebanhos de mil fugiam pelas ravinas.

As ribeiras de suavissimo murmurio roncavam como cadadupas—nem uma só das muitas aves aquaticas, nem uma só por fóra.

Os animaes tremiam apertando-se debaixo das ramadas dos escomoros. De vez em vez um balido echoava e bandos de leopardos varavam a floresta destroçando, de raiva, magotes de ovelhas.

Já não havia a promiscuidade pacifica—Os rouxinões evitavam as aguias, os borregos fugiam das pantheras.

Foi então que começou a emigração dos animaes.

Nem um papeio de ave, entretanto, enroscado na arvore da Sciencia, o python do peccado sibilava de goso. Vencera!

Adão e Eva, iam de frente baixa, as mãos dadas, correndo

á frente do Archanjo vigilante que brandia na dextra a espada luminosa.

Deus, do alto céu, espiava a sua vingança.

Os trovões estalavam reboantes, e, a mais e mais o espaço escurecia-se.

O rumor das grossas aguas rolando tornava mais terrivel a noite repentina. Urros e berros succediam-se no bosque.

Nas ondas torvelinhantes da poeira desapareciam es borboletas fracas; mortas nos rios cheios, desciam pombas da primeira idade.

Anderinhas emigravam e cegonhas corajosas ganhavam o tenebroso espaço em procura de sitio mais ameno.

Eva, de medo, escondia o rosto nas mãos.

O Archanjo, com as seis azas espalmadas, severo, pairando, sempre, brandia no escuro a espada de chammas.

No largo oceano, emquanto a terra aturava humilhada a furia da colera divina, nascia o vagalhão tormentoso. Adão e Eva acharam-se de repente fóra do «acceitoso» Eden.

Ella, mais timida e vergonhosa agachou-se junto de uma pedra sem limo e, embrulhada nos cabellos poz-se a chorar as lagrimas primeiras.

Adão, apavorado, não tirava os olhos da curva espada ignivoma, que alumiaava formidavelmente na dextra do forte Archanjo.

O vento, nada de animar. As tranças n'um cycloptico torneio, emmaranhavam-se «rufalhando».

Horrisonos roncoss subiam aos espaços e, de momento em

momento, passavam á desfilada junto dos dous expulsos quadripedos, collossaes, tontos, assustados, fugindo sem direcção pelo meio da treva opaca.

Eva, receiosa, chamou para junto de sió companheiro. Adão obedeceu a voz mansa e meiga e tateante foi agachar-se ao lado della com o vapor no coração e os olhos sempre fitos no unico ponto claro que existia na treva: a espada rutila do Archanjo.

Eva, a primeira virgem, poz-se a falar de Deus e Adão a ouviu-a. Uniram-se os dois as almas na mesma oração de misericordia, dobraram os joelhos na pedra escabrosa, balbuciarão e, ao fim da resa, quando esperavam ver embainhar-se no azul a lamina de fogo, viram-na agitar-se mais terrivelmente e ouviram redobrados rugidos do vento e mais troantes ribombos de aguas que se despenhavam.

Deus não perdoava!

Deus era inflexivel!

Cheia de arrependimento a mulher desatou em soluços: Senhor Deus! Senhor Deus! Dizei-nos pela bocca do vosso Archanjo forte, como resgataremos a nossa paz de espirito? Senhor Deus! Meu Senhor! Dizei-nos como pagaremos o nosso peccado? como remiremos nos culpa tamanha? Dizei-nos por quem sois. Pai de misericordia!»

Deus não teve uma resposta para a supplica.

Mas, Adão que meditava, com a cabeça enterrada nos joelhos, sentiu subitamente o resvalar de um corpo no folhagem. Ergue-se.

— Eva, formosa e meiga crea-

## O EXEMPLO

tura, attende! Ha um consolo para o teu supplicio. Deus é surdo aos teus votos, eu, porém, quero provar-te que não vim trazer o mal á natureza. E' grande o soffrimento que te opprime mas a tua dor não é sem cura— ha um balsamo infalível.

Eva que não via nem podia ver na treva o extranho interlocutor, perguntou a tremer:

— Quem me fala?

O pyton, levantando a cabeça achatada, disse carinhosamente.

— Eu, Eva formosa e meiga.

— Tu! Ainda tu — exclamou a mulher horrorizada reconhecendo o reptil que a allucinara.

Sim; ouvi os teus gemidos e dei-me pressa em trazer-te o meu conselho.

— E... qual é elle? — perguntou a curiosa.

— Une a tua bocca á bocca do teu homem, deixa que a delle aqueça bem a tua, aspira-lhe o perfume, sorve-lhe o suspiro e aperta-o nos teus braços tanto quanto puderes. Eis o que te ensino meiga e deliciosa.

E sibilando partiu pelos silvados.

Eva, desconfiada, sorriu do conselho e quedou-se, com o rosto nas mãos, os olhos pensativos, analysando as palavras da serpente: — «Une a tua bocca á bocca do teu homem».

E a mulher fraca, picada pela volupia, sentio o primeiro desejo. Os seios entumeceram e começaram n'um arfar apressado, os olhos foram-se a pouco e pouco amortecendo. A medo, vergonhosa, a virgem primeira estendeu a mão tremula procurando o homem. Os dedos perderam-se nos cabellos d'elle. Adão acariciado, levantou o rosto e a sua bocca roçou de leve no punho «vellutineo» da ingenua companheira.

— Eval! Eva não respondeu.

Um fremito sacudiu-lhe o corpo, seus cabellos despeharam-se sobre os hombros do forte e, inconsciente, involuntariamente vencida por uma força superior, a mulher deixou-se cahir nos braços que a esperavam. Houve um espasmo em

toda a brenha tragica. As fêras «galopantes» estacaram e nenhum berro interrompeu a cavatina do primeiro beijo; apenas um silvo sulcou o silencio — foi a voz do python saltando o amor.

Quando os dois se afastaram, Eva, que olhara, por acaso, o céu soltou um grito lancinante

— Adão! Adão!

O homem tomou-a carinhosamente.

— Olha! — e apontou a noite

No céu, em <sup>\*\*</sup>vez das nuvens plumbeas, brilhavam milhares de estrellas, a terra resplandecia á luz do plenilunio e, no cavado rochedo da entrada do Eden, já não flamejava a rutila espada do Archanjo vigilante.

— Sahiram para espia-los! — disse a mulher chorando São os anjos que nos espiam.. E' uma nova vingança de Deus.

— Attende meu amor, attende... murmurou Adão. Ouves esta perenne musica deliciosa? é o Euphrates, é o Gehon, são os rios que nos saúdam. Ouves este suspiro brando e intrecordado? são as bravias fêras que se beijam.

Olha os ramos em idyllo; vê como as flores voam de um para outro galho, repara como se anima. O segredo de ser igual a Deus tu o tinhas cmtigo, — é o beijo, meu amor, é o beijo. O que não fizeram todas as preces das nossas almas fez o primeiro beijo das nossas boccas.

O homem então, triumphante e orgulhoso, subiu para a pedra escabrosa e encarou as estrellas e a lua com atrevimento, enquanto a natureza fecunda torcia-se a seus pés nos paroxismos do primeiro goso.

Eva voluptuosa, languida, amollecida pelo amor, escondeu-se entre os cactus olhando uma sombra que abria no pallio luminoso da lua as azas negras e enormes de vampiro e fugia sibilando victoriosamente.

Eca o pyton do peccado que espalhava pela natureza a nova do desabrochamento das primeiras almas.

COELHO NETTO.

Completo, hontem, mais um anno em seu viver laborioso e aproveitavel, nosso amigo e colaborador Miguel Cardoso.

O *Exemplo* envia-lhe cordiaes felicitações.

Sepultou-se, a 4 do corrente, o cadaver de Joanna Baptista da Silva, viuva do finado Pedro Alves da Silva.

Mais um anno de proveitosa existencia fez a 4 do corrente, nosso amigo Augusto Cazar e o joven Viterbo Mancel Antonio.

O tempo, regulador constante das existencias que passam, marcou mais um anno de vida para a joven Maria José da Silva.

Acceite, de envolto com o favonio primaveril, que sopra, nossas sinceras felicitações.

\* \* \*

A...

Em tua carta delicada e fina,  
Cheia de amor, de melodia cheia,  
Inda senti o olor que a vida até  
—O olor de tua mão tão pequenina.

Extranha vez me segredava: «Leia,  
Leia essa carta delicada e fina»;  
E eu li... e ao ler... que inspiração divina!  
Quanta expressão e quanta excelsa idéa!

Beije-a... li-a e tornei a ler,  
E muitas vezes repeti, constante,  
A operação de ler e de reler.

Depois, mettendo-a no envelope estreito,  
Guardei-a, alegre, minha cara amante,  
Onde? Nem sabes!... dentro do meu peito.

A. JUNIOR.

St. Paulo 93.

### Uma pagina triste

V

A casa de Cabral estava em festa, emquanto seus irmãos, ralados de angustias, espreitavam opportunidade de vingança.

Em breve começaram a dominar desgraças em casa de Cabral, porque é sabido que a alegria de hoje

Burlesqueando

é precursora da tristeza de amanhã. Luiza, em poucos dias, recolheu-se ao leito; de dia a dia definhava sob a oppressão de uma terrível dôr no peito; os medicos assistiram-na cuidadosamente e por fim desenganaram. Cabral fez tudo ao seu alcance; os recursos da medicina foram impotentes, e a 16 de Agosto de 1864 Luiza exhalava seu ultimo suspiro e ia alimentar a grande *machina*, na composição e decomposição dos seres organisados. Cabral portou-se correctamente, prestando grandes honras funebres á memoria de sua querida crionla. Pôz luto e assistiu ás missas do 7º e 30º dias do fallecimento de Luiza.

Paulo, orphão, começava sua peregrinação: tinha visto desaparecer sua mãe do numero dos vivos e breve veria seu pae decompôr-se e ir alimentar a formação de novos seres esparsos pela nossa terra, pois que seria rôto o accôrdo contínuo das relações internas e externas de seu organismo.

Por espaço de um anno deixou Cabral de frequentar a rua e quando sahia, acompanhado de Paulo, dizia a todos que elle era filho de uma sua creada muito estimada e que, estando sob sua protecção, falôia seu filho adoptivo e herdeiro universal. Em breve cursaram as intrigas entre Cabral e seus parentes; mas, Cabral, que tinha bastante experiencia do mundo, dizia sempre aos lisongeiros que o cercavam: «a amizade de um homem de bem não se adquire com bajulações», e assim via-se livre de seus parentes e de baixos incensadores, que abraçavam a intriga para, partilhando da amizade de Cabral e da de seus irmãos, assumirem um ar de propheta, filante, e assim dominarem o espirito, a bolsa e a mesa desses vassallos de nova especie.

Cabral vivia afastado de seus irmãos, e, descurando o futuro de Paulo, expunha-o a ser victima do odio de seus parentes, que almejavam a primeira occasião de desforra; effectivamente, veio de subito offerecer-se.

(Continúa). A. J. SERRAFRIA.

Infelizmente ainda continúa detido no leito, pela seria enfermidade que o accommetteu, nosso estimado companheiro Marcilio Freitas, gerente desta folha.

O *Juvenal*, com uma indiscrição inesperada, obrigou-me a metter por algum tempo a *viola no sacco*, afim de não borrar, com uma tagalera enfadonho, os foros de moço de *talento fulgurante*, com que me galanteou em uma de suas *chronicas* espirituosamente adubadas. Em taes casos, o silencio é ouro.

Quantas vezes ao passar pelas ruas da Margem, Figueira, Olaria, etc., ouvi esta phrase, dita a meia voz por uns roseos labios femiuninos; entreabertos por um sorriso diabolico:

—Olha o *Birboque*! *E' um moço de talento fulgurante*: li no «Exemplo».

E lá me ia eu, gingando, gingando, a gosar as delicias de um elogio immerecido, me lombeando todo como um gato que tenha roubado e passado nas *engulideiras* uma posta de peixe frito; porque, afinal de contas, não deixava de ser um roubo, que a *senhora* fama fazia á credulidade indefeza daquellas jovens; pois são unanimes em dizer todos que me conhecem de perto, que sou intelligente como um cabo de chapéo de sol.

Porém tenho uma grande virtude: não sou egoista. Não quero, com a continuidade de meu silencio para gosar de um conceito ficticio, prejudicar o credito das jovens que trabalham na Fabrica Manufactora; por isso o interrompo, em detrimento das *fulgurações* de meu nome, afim de rejubilosamente deitar os pontos nos iii, dando á publicidade uma carta que me foi endereçada pelo correio urbano.

Eil-a:

« Sr. Birboque.

Saúde e prosperidade.

Apesar de não ser assignante do apreciavel e deleitoso *Exemplo*, sou, no entretanto, uma de suas mais constantes leitoras; porquanto não deixo parar em ramo verde uma rapariguita que tenho em meu poder emquanto ella não o arranja pela visinhança.

Sou uma respeitavel viuva. Meu marido, a quem Deus haja, foi sempre valente na guerra do Paraguay, para se atirar ao perigo; por isso morreu de bexigas e en móro pelas immedições da Fabrica, que tem sido, para os senhores, o pão nosso de cada dia; portanto escrevo-lhe esta

para reclamar contra uma injustiça, que um sen collega chamado Juvenal, fez ás empregadas desse estabelecimento industrial.

Como deveis saber, senhor Birboque, trabalham lá — brancas, pretas e pardas; ora manda a verdade que se diga que nada tem que se dizer do procedimento das moças de *côr* que, por meio de um trabalho honesto, procuram viver honradamente; pois são pontuaes na hora do serviço e rectas no cumprimento de seus deveres.

A *Gazetinha*, um jornal que não gosta de *negros*, portanto não se occupa com ellas; entretanto las e eipurra cada ferroada nas fabricadeiras, que mette medo. Se o cidadão Juvenal quer fazer espirito, o que não lhe acho graça, já que não quer declinar o nome das meninas desmioladas que lhe tornecem bonitos assumptos para troca, deve ao menos dizer de que *côr* são as *candidatas*, afim de que a levandade de umas não prejudique a reputação de outras, dignas de consideração e respeito por todos os motivos.

Com a publicação desta, muito obrigará a uma

Cr.<sup>a</sup> e adm.<sup>a</sup>.

C. D. Miranda.

N. B.—Não julgue senhor Birboque, que está tratando com alguma parda velha ou preta, sou branca; mas gosto de pão, pão e queijo, queijo.

Dar a Cezar o que é de Cezar.

C. de M. »

Ora ahi tem, seu Juvenal, p'ra seu tabaco; não se metta mais com a vida do proximo, para não tomar dessas pelas trombas. Por minha parte dona Miranda, daqui lhe juro que considero e respeito a todas.

Agora que quebrei o jejum passo a burlesquear.

O subdelegado, lá das bandas da Floresta, não anda para graças. Uma noite dessas, um grupo de rapazes folgassões, porém morigerados, davam um *descante*, como uzam dizer na gíria dos *trovadores de esquinhas*, á porta de um amigo que fazia annos, quando foram acercados pela zelosa autoridade, que ordenou a uma matulla de policiaes:

— Prendam! são estes.

A estas vozes, os *parlamentaristas* tentaram se justificar, emquan-

to que os *pontivistas* acharam mais prudente *abrirrem* pelo-becco abaixo e foram bater desordenadamente á porta de uma respeitavel familia. A principio a velha dona da casa trepidou em attender tão insolita visita, porém lembrando-se que bem podia ser o filho que tivesse tomado algum *tropelão*, pois tambem gostava de dar o seu *descante*, não relutou mais um instante e deu volta á chave. Ao ouvir o esperançoso ruído, o da ponta dos fugitivos metten hombros a dentro e assim foram se enfiando todos, passando pela sala, desapparecendo na cosinha por entre as exclamações dos filhas assustadas e o espasmo da velha, atarantada com tal invasão. A policia quiz em seguida passar de pato a ganso e vasculhar a casa, mas a zelosa autoridade, compenetsando-se de sens deveres, fez respeitar a inviolabilidade do lar.

Já estavam todas deitadas, mas ainda acordadas, quando ouviram a seguinte phrase, partida debaixo de uma das camas:

— Sufa! que susto raspei eu! Quasi fui dormir no *chilindrô*!

Imagina, leitor, que susto! Saltaram todas do leito, enroladas nas cobertas e rodearam o mancebo, fallar ao mesmo tempo:

— O' senhor, retire-se, porque não pôde ficar aqui; que inconveniencia, meu Deus!

— Tenham paciencia, me deixem ficar mais um bocadinho, eu não conheço vossos fundos...

— Nada, nada, ponha-se ao fresco, que a estas horas já você não encontra viva alma.

Não havia outro remedio; o moço, temendo os brejos do fundo da casa, opinou por sahir pela frente; porém, mal estava a uma curta distancia, quando a patrulha, que ainda não tinha se retirado, passou-lhe o *botão* e o conduziu, com os demais, para o *buque*.

Quando a desgraça penetra... é assim mesmo.

O Espiridião *encareto* com o negocio de deixar á sogá a predilecta e pediu-me que respondesse ao Theodoro, de quem desconfiava ser o gracejo; pois lá vai em verso:

Se o Theodoro não deixa  
A' sogá a bella azeiteira;

E' porque, não vendo a filha,  
Faz da mãe aleviteira.

Ora ahí tem a resposta; nada me deve.

O mez de Agosto fechou com chave de ouro a sua influencia perigosa sobre o sangue e o coração da humanidade, no Parthenon onde trabalha a companhia equestre do Sr. Lauro; assim é que a menina Marieta abandonou a corda bamba dos trapesios para se enlaçar na do matrimonio. Entretanto; o mesmo não aconteceu á pequena Corina, que evitou a ratoeira armada pelo brejeiro Affonso.

Esses dandys quasi debandaram a companhia.

Tenho um filho, o meu mais velho, que parece que dá para a cousa.

Escreveu os seguintes versos:

« A LADRA DE NAMORADOS

A joven *Maricas Zés*  
E' um gentil *repolhinho*  
Que tem pequeninos pés;  
Uma estrella cada olhinho  
Da joven *Maricas Zés!*

Por ser bonita a matar  
E' levada do diabo  
Na arte de namorar;  
Ninguem põe-lhe o pé no rabo,  
Por ser bonita a matar.

*Não ha bem que sempre dure*  
*Nem mal que se não acabe:*  
Este dito aqui figure,  
Porque todo o mundo sabe  
*Não ha bem que sempre dure.*

De uma bella companheira  
Quiz o azeiteiro tomar;  
Não sahio-se bem da asneira,  
Porque teve de brigar  
Com a bella companheira.

— E' meu, é meu azeiteiro!  
— Não é teu *sia Nanica!*  
— Eu sou dona do puleiro,  
Quero ver quem é que fica...  
— E' meu, é meu azeiteiro!

No final da *ladainha*  
Das duas lindas deidades  
Ficou c'o *azeite* a que tinha  
Direitos de antiguidade...  
No final da *ladainha!*....

E perdeu seu talisman  
A ladra de seu Alfredo

*Carneiro foi buscar lá...*  
Mamando ficou no dedo,  
E perdeu seu talisman.

Qual mimoso pintasilgo,  
No namoro o seu *Tatão*  
Canta, canta, engá a *chama*  
E não cae no *alcapão*.

Gritava o Salustiano:  
« Não tem lugar esta agora:  
*Tatão* tratar casamento  
*Filar chá e pular fóra!*

*Birboque Filho.* »

Em vista da pronunciada tendencia do pequeno para troca, encarregô-o, de hoje em diante, desta secção; pois estou velho, não tenho mais jeito para fazer cocegas em ninguém.

*Birboque.*

Casamento civil

F. Calisto encarrega-se de preparar todos os papeis para o casamento civil. Residencia—rua dos Andradas n. 247.

Annuncios

S. D.

*União Profissional*

De ordem do Sr. presidente, communico aos Srs. socios e convidados que a partida desta sociedade realizar-se-á a 15 de Setembro, sob a direcção do socio Abrelino de Campos.

Porto Alegre, 10 de Setembro de 1893.

O secretario,  
A. d'Annuncia.

S. D.

Olympia Peres

Em consequencia de se achar o edificio do Theatro occupado na noute de sabbado, pela Companhia Moderna, de ordem do cidadão Presidente desta sociedade, scientifico aos Srs. socios e convidados que a partida extraordinaria, que devia realizar-se na noite de 9 do corrente, fica transferida para 16 do corrente.

Secretaria da Sociedade Olympia Peres em Porto Alegre, 8 de Setembro de 1893.—O secretario, *Eustachio*.